



FATO ECONÔMICO



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Economia sai da recessão, indústria ainda não

Crescimento seguirá no curto prazo com a ocupação da capacidade de produção já existente, mas intensificação do ritmo exige reação do investimento

▶ A QUESTÃO

O aumento de 0,2% do PIB, no segundo trimestre de 2017, mostra que o pior da crise ficou para trás. É o segundo trimestre consecutivo de crescimento do PIB. A indústria geral caiu 0,5%, entre o primeiro e o segundo trimestre deste ano. O resultado negativo foi influenciado, em especial, pela indústria da construção. O investimento, medido pela formação bruta de capital fixo, segue em queda. Ainda assim, não deve limitar o crescimento no curto prazo.

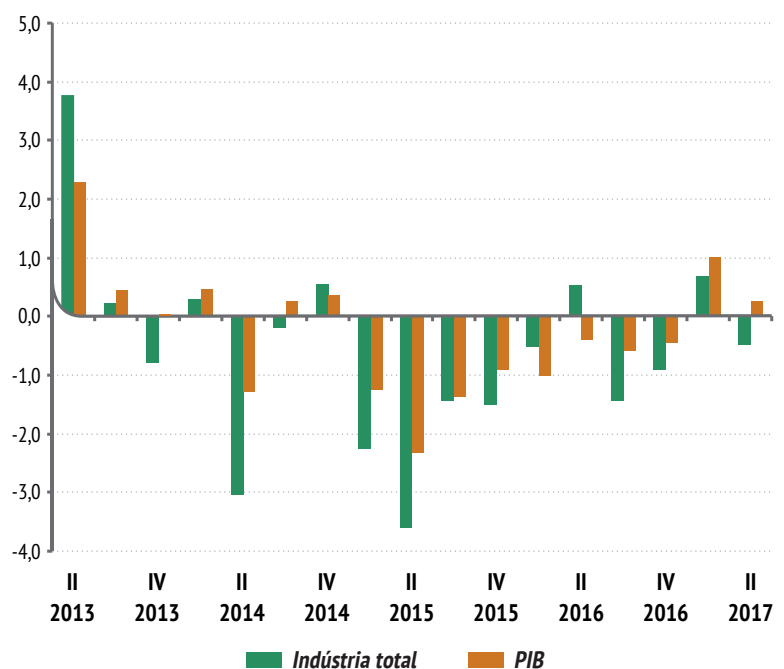
▶ OS FATOS

1. INDÚSTRIA NÃO TEM RECUPERAÇÃO CONSOLIDADA

As indústrias de transformação e extrativa registraram alta de 0,1% e 0,4%, respectivamente. Já as indústrias da construção e de serviços de utilidade pública mostraram queda: de 2,0%, na primeira, e 1,3%, na segunda. No caso da indústria de transformação, vale destacar que o crescimento do segundo trimestre veio após expansão de 1,1% no primeiro trimestre. Por outro lado, a indústria de construção havia recuado 0,5% e completou seis trimestres consecutivos de queda.

Gráfico 1 – PIB Trimestral

Varição sobre o trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE / Contas Nacionais Trimestrais



2. INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO ESTÁ EM TRANSIÇÃO

A indústria de transformação atravessa um cenário de transição mostrando alta volatilidade, comportamento comum ao sair de uma crise. A pesquisa Indicadores Industriais da CNI, referente a julho, mostra que essa oscilação persiste, mas as variações positivas estão superando – ligeiramente – as negativas. Na comparação dos três meses encerrados em julho com os três meses anteriores, observa-se aumento no faturamento (+2,4%) e na utilização da capacidade instalada (+0,5 p.p., de 76,8% para 77,3%) e estabilidade nas horas trabalhadas.

3. CRESCIMENTO IMPULSIONADO PELO CONSUMO

O consumo das famílias avançou 1,4% frente ao período anterior, o melhor resultado desde o primeiro trimestre de 2014. O novo fôlego dos consumidores advém, basicamente, da forte redução da taxa de inflação e da taxa de juros, fatores essenciais para a melhora do poder de compra das famílias. Além disso, o consumo também foi favorecido pelos saques das contas inativas de FGTS, aumento da massa salarial real e retomada da criação líquida de empregos.

4. INVESTIMENTO EM QUEDA

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cai de forma quase ininterrupta há 15 trimestres (exceto no segundo trimestre de 2016, quando cresceu 0,4%). O investimento, medido pela FBCF, representou apenas 15,5% do PIB, neste segundo trimestre, enquanto antes da crise esse percentual ficava em torno de 20%. Vale destacar que parte expressiva do investimento é explicada pela construção, que responde por mais da metade do FBCF.

▶ AS IMPLICAÇÕES

O crescimento deve se manter nesse segundo semestre, ainda que de forma gradual, iniciando um processo de recuperação. No primeiro trimestre, o resultado excepcional da agricultura impulsionou o PIB. No segundo, o crescimento foi mais disseminado entre os componentes do PIB, com destaque para o aumento do consumo das famílias e seus reflexos no comércio. Há fatores pontuais (FGTS, por exemplo) e conjunturais (inflação, juros e desemprego em queda) responsáveis por este desempenho. À exceção dos saques do FGTS, os outros fatores seguirão influenciando positivamente o consumo e, conseqüentemente, a atividade nos próximos meses.

Para a indústria, a lenta recuperação do consumo criará condições para o aumento da produção de forma mais disseminada. Alguma oscilação da atividade deverá permanecer nos próximos meses, mas, aos poucos, as variações negativas da atividade irão ser mais brandas, abrindo espaço para variações positivas mais intensas.

O baixo investimento não deve limitar a recuperação da atividade no curto prazo. A capacidade produtiva instalada é mais do que suficiente para atender a demanda esperada até o final do ano. No futuro, contudo, será necessário investir para aumentar a capacidade produtiva. Por isso, é fundamental que se dê condições para a reativação de investimento, reduzindo custos e incertezas, para que a indústria brasileira amplie sua condição competitiva e ocupe o seu potencial de mercado.